

## **Humanismo no Curso de Graduação em Administração da UFSC**

**Ricardo Niehues Buss**  
**José Nilson Reinert**

### **RESUMO**

A finalidade deste estudo foi descrever e analisar o Curso de Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) quanto à formação humanista oferecida aos seus estudantes, comparando o currículo do ano de 1978, o primeiro currículo disponível, com o currículo do ano de 2004. Este trabalho é parte de uma dissertação de mestrado que objetivou conhecer a situação do Curso de Administração da UFSC perante o discurso do humanismo. A pesquisa, teve caráter descritivo exploratório. Também foi analisado o comportamento dos estudantes do referido curso em relação às disciplinas optativas e extracurriculares através dos cinco melhores índices de aproveitamento escolar. Da análise realizada, conclui-se que o ensino humanista diminuiu de forma expressiva no Curso de Graduação em Administração da UFSC e que o mesmo apresenta características de formação especializada.

**Palavras-chave:** Humanismo. Ensino superior. Universidade.

### **1 INTRODUÇÃO**

As Universidades sempre exerceram importante papel como detentoras e disseminadoras de conhecimento. A incansável busca pelo conhecimento e verdade acaba por servir aos grandes interesses da sociedade e do cidadão. Com o passar dos séculos, esta Instituição adquiriu o *status* de Centro de Excelência do Conhecimento, criando-o, interpretando-o e disseminando-o.

As Universidades Contemporâneas vivem cada vez mais em função da sociedade e da procura de soluções para os problemas e vem sendo consideradas também como formadoras de profissionais que contribuam para a satisfação de demandas sociais.

Atualmente, a procura por estas Instituições de Ensino Superior tem um propósito diferente, na maioria dos casos, a busca do diploma, através de cursos de graduação abarrotados de disciplinas profissionalizantes. As Universidades desviam-se, muitas vezes, do propósito de investigação e disseminação da verdade, procurando atender às necessidades imediatistas do mercado e das pessoas que procuram a capacitação.

Contudo, às Universidades, de um modo geral, sempre parece restar um mínimo de sensibilidade às necessidades maiores da sociedade. Confundir a formação universitária com a preparação do estudante só para o desempenho de determinadas atividades é empobrecer, limitar uma formação ampla e criativa para privilegiar o saber imediato, o aprendizado da execução, oposto ao da humanização do próprio homem.

O Ensino Superior atual parece forçar uma especialização prematura, onde os estudantes têm que fazer escolhas para as quais podem não estar devidamente preparados. Sente-se a necessidade de uma formação fundamental, que ensine, antes de tudo, o homem a ser mais humano, que construa a forma de pensar e lhe dê uma fundamentação cosmopolita, universalista, que só pode ser transmitida através do humanismo.

Mas essa fundamentação parece encontrar-se hoje cada vez mais fragmentada. A compartimentalização do conhecimento em ciências faz com que elas se comuniquem cada vez menos, isolando-as umas das outras. A única ciência que tem, pela sua compreensão e extensão, o poder de compreender as outras é a filosofia, por ser ela a ciência universal, afirma Tobias (1969).

Somente a formação técnica não basta. A formação depende da educação do homem como pessoa, que entenda seus semelhantes e tenha uma visão crítica do mundo e criativa o suficiente para elaborar novas soluções perante as mudanças da sociedade e do mundo.

O artigo “Reforma da Educação Superior Brasileira”, publicado no portal do MEC (Ministério da Educação, 2005), revela a preocupação crescente em atender à sociedade, não com profissionais especialistas, conhecedores apenas de uma determinada atividade, mas com profissionais com características mais humanistas: com uma formação mais generalista, conhecedores de línguas e que saibam se relacionar trabalhando em grupo.

Reinert (2002) chama a atenção ao dizer que os currículos podem não estar mais correspondendo às expectativas sociais, necessitando de profundas mudanças. Os cursos de graduação, em especial os de administração, possuem uma performance de alta especialização, entendida, neste caso, como focada em disciplinas eminentemente técnicas e de formação profissionalizante.

Com as modificações no mundo do trabalho, o nível de qualificação exigida dos novos trabalhadores se altera. Mesmo para aqueles que defendem o atendimento restrito das necessidades do mercado, alegam que o mesmo agora quer trabalhadores mais qualificados, flexíveis e com nova base técnica e científica.

Ao se buscar uma compreensão mais aprofundada deste discurso, pode-se perceber que os cursos e as universidades estão voltados para uma formação profissionalizante, visando atender essa demanda de mercado, deixando de lado uma educação mais ampla que enfatize o desenvolvimento total do indivíduo.

Esta é uma realidade que vem sendo discutida há muito tempo por grandes pensadores como Kant, Fichte, Schleiermacher, Newman, Jaspers, dentre outros, que apóiam uma formação universalista e mais completa do homem, pelo menos em sua base de formação. Essa, por sua vez, só se torna possível através das ciências humanas, principalmente da filosofia.

A presente pesquisa é sobre o Curso de Graduação em Administração da UFSC, onde é analisada a participação de disciplinas de formação humanística no currículo do curso. Espera-se que este venha trazer elementos teóricos e práticos que, de alguma forma, possam contribuir para a evolução dos conceitos que envolvem a aprendizagem da administração na universidade.

## **2 HUMANISMO**

Segundo Ferreira (1975), o humanismo é considerado uma doutrina, um movimento que cultuava as línguas e literaturas greco-latinas, com o objetivo de formar o espírito humano pela cultura literária ou científica.

O humanismo, na concepção de Paviani e Dal Ri Jr. (2000), objetiva o desenvolvimento das qualidades do homem, pregando que todas as pessoas têm dignidade e valor, devendo fazer jus ao respeito dos outros. O homem é o centro de seu estudo e, através desta concepção de mundo, pode-se considerar o humanismo a origem de todo o pensamento moderno.

Para Aristóteles, “o conhecimento do ser é imprescindível para fornecer bases sólidas às ciências (física, astronomia, biologia etc.), que se ocupam de aspectos particulares da realidade” (ABRÃO, 2004, p 61). Através desse conhecimento as ciências se unificaram em um todo coerente sem o que só haveria explicações particulares de coisas particulares.

## VI COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL, Blumenau, SC, 15 a 17 de novembro de 2006.

Para Basbaum (1981), o humanismo também estuda valores considerados essencialmente humanos, estudo das humanidades, um sentido mais helenístico que se refere à história, retórica, poesia, gramática e filosofia. Nesse sentido, mais técnico, o humanismo compõe-se basicamente da filosofia, das artes e das línguas antigas.

Segundo Sartre (2002, p. 141), no mundo contemporâneo “o humanismo tem explicitado a possibilidade de o homem tomar suas próprias decisões numa economia que parece dominar o mundo da política, tal qual hoje as finanças regem o destino da humanidade e das gerações futuras”. Isso constitui um reducionismo da vida humana, por ela deixar-se guiar por fenômenos econômicos, onde a formação das pessoas fica submetida às diretrizes do mercado, ao invés dos da vida.

De acordo com Paviani e Botomé (1993), desde muito vem se procurando institucionalizar o conhecimento como produto. As disciplinas que possuem uma abrangência de conhecimento, muitas vezes limitada, seriam exemplos. Outro exemplo está na divisão do conhecimento em grandes áreas, indicando os diferentes domínios do conhecimento produzido pelas diferentes formas de conhecer.

Paviani e Botomé (1993) alegam que a nomenclatura utilizada para separar as grandes áreas de conhecimento pode apresentar equívocos, como o de que existam “ciências” (ciências sociais, ciências humanas, ciências exatas e ciências da natureza), quando realmente temos apenas “ciência”.

As ciências humanas são definidas por Ferreira (1975), como sendo a ciência que estuda o comportamento do homem, seja na sua coletividade ou na sua individualidade, através da psicologia, filosofia, lingüística e história.

A Ciência não apenas se diferencia da filosofia, como criou uma relação complexa ao longo da história de dependência e interdependência, segundo Paviani e Botomé (1993). Essa relação faz com que, em uma visão atualizada, a Ciência coloque certos problemas à Filosofia, deixando de ser uma espécie de produto da mesma. Eis aí a importância do humanismo para a Ciência, através de seu principal representante, a Filosofia.

### 2.1 UNIVERSIDADE

A Universidade está hoje em contato com todas as forças da sociedade. O próprio crescimento do saber não se faz mais apenas por indivíduos, mas por equipes, e esse crescimento já está se concentrando por áreas e não mais por pessoas.

Segundo Morin (2002), a universidade é conservadora, regeneradora e geradora porque “conserva, memoriza, integra, ritualiza uma herança cultural de saberes, idéias, valores; regenera essa herança ao reexaminá-la e transmiti-la. Ela gera saberes, idéias e valores que passam então a fazer parte da herança”.

Elas são, em grande parte, responsáveis pelo desenvolvimento econômico e tecnológico; devem dedicar-se à regulação e ao controle deste processo e tratar de assegurar o desenvolvimento humano. (TEIXEIRA, 1964)

Desde sua origem, a universidade possui alguns modelos que criaram, alteraram ou incrementaram sua missão e finalidade, como o:

- Modelo de Universidade Inglesa: ensino universal;
- Modelo de Universidade Francesa: ensino profissionalizante;
- Modelo de Universidade Alemã: pesquisa;
- Modelo de Universidade Americana: extensão;

Para Teixeira (1964), a universidade brasileira nunca foi propriamente humanística e nem de pesquisa científica, mas simplesmente profissional, à maneira de algumas universidades mais

## VI COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL, Blumenau, SC, 15 a 17 de novembro de 2006.

antigas. Na realidade, nem influência inglesa, nem influência americana, mas francesa. Na década de 60, surgiu a Universidade de Brasília, que une a função formadora e de cultura básica à função de preparo do especialista, o curso pós-graduado e a pesquisa, e a idéia de serviço e integração na sociedade brasileira e nos seus problemas.

A idéia da universidade humanista e de formação clássica não chegou a se concretizar no Brasil. As faculdades de filosofia, no seu pensamento original de faculdade para união de toda a universidade, não obteve êxito. A idéia de universidade moderna organizada para a pesquisa, integrada no presente e voltada para o futuro, apenas começa agora a se desenvolver. A universidade de serviço, devotada aos problemas práticos de sua sociedade e à educação, somente na Universidade de Brasília obteve seu primeiro passo.

### 2.2 UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

A UFSC oferece mais de 60 cursos de graduação (incluindo habilitações e opções), mais de 80 cursos de especialização, 48 cursos de mestrado e 33 cursos de doutorado, com mais de 30.000 alunos nos seus 11 Centros de Ensino, assim denominados: Centro de Ciências Agrárias (CCA), Centro de Ciências Biológicas (CCB), Centro de Comunicação e Expressão (CCE), Centro de Ciências Jurídicas (CCJ), Centro de Ciências da Saúde (CCS), Centro de Desportos (CDS), Centro de Ciências da Educação (CED), Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH), Centro de Ciências Físicas e Matemáticas (CFM), Centro Sócio-Econômico (CSE) e Centro Tecnológico (CTC).

A Universidade Federal de Santa Catarina tem por missão:

*“produzir, sistematizar e socializar o saber filosófico, científico, artístico e tecnológico, ampliando e aprofundando a formação do ser humano para o exercício profissional, a reflexão crítica, solidariedade nacional e internacional, na perspectiva da construção de uma sociedade justa e democrática e na defesa da qualidade de vida”. (UFSC, 2005).*

A missão da Universidade Federal de Santa Catarina citada acima foi aprovada pela Assembléia Estatuinte, em 04 de junho de 1993.

### 2.3 FORMAÇÃO E HUMANISMO

A finalidade da universidade para Ortega y Gasset, citados por Tobias (1969), é a ministração do ensino superior, para formar o homem de modo que ele não se torne um bárbaro. Dessa forma, a definição de universidade fica sendo como a de instituição que ensina o estudante a ser homem culto e bom profissional.

Maritain, citado por Tobias (1969), diz que a universidade é o lugar do saber universal e que deve primeiro ministrar esse conhecimento universal e, posteriormente, o conhecimento especializado.

A educação humanista, para Sartor (2002, p. 146), “consiste em salvaguardar o saber e, por isso mesmo, defender o homem do abuso da técnica, bem como do uso inescrupuloso pelo inculto”.

A formação vai muito mais além do que a preparação técnico-científica, conforme Freire (1996). Segundo o autor, infelizmente o que é válido atualmente é o “pragmatismo” pedagógico, ou seja, o treino técnico-científico, fundamentalmente voltado para a ditadura do mercado.

Freire (1996) afirma que o progresso científico e tecnológico que não responder fundamentalmente aos interesses humanos, às necessidades de nossa existência, perde a significação. Esse avanço tecnológico haveria de corresponder à formação de homens e

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL, Blumenau, SC, 15 a 17 de novembro de 2006.

mulheres, a fim de que estes tenham uma vida mais plena. Freire (1996, p. 143) ainda afirma que há um “caráter desesperançoso, fatalista, antiutópico de uma tal ideologia em que se forja uma educação friamente tecnicista e se requer um educador exímio na tarefa de acomodação ao mundo e não na de sua transformação”. O que se vê, portanto, é um educador com pouco de formador e muito de treinador e transferidor de saberes.

Segundo a feminista Camille Paglia (2006), uma das intelectuais mais influentes dos Estados Unidos, “o pensamento independente foi universalmente silenciado ou isolado. A educação universitária está cada vez mais estéril por causa da autodestruição das ciências humanas”.

O problema da formação especializada pode ter origem na compartimentalização do conhecimento, onde as disciplinas transformaram-se em um reduto de entendidos quanto à produção de um determinado tipo de conhecimento. Para Paviani e Botomé (1993), alguns critérios políticos e administrativos mostram-se desvirtuados de suas funções, parecendo estarem substituindo os critérios científicos, epistemológicos, educacionais e profissionais, quando deveriam ser auxiliares e complementares.

Segundo Tobias (1969), a universidade passou a viver para a sociedade em função do progresso e da modernização, participando cada vez mais e ativamente em projetos governamentais e comerciais. Sua finalidade, que antes era a busca da verdade, passa a ser a sociedade, com o ideal de formar o homem de organização. No entanto, a prestação de serviços e o servir à comunidade, deveriam ser finalidades derivadas e secundárias da universidade, que deveria manter a busca da verdade como finalidade primeira. Esses erros, dentre eles o profissionalismo e o tecnicismo, sobre a finalidade da universidade, são explicados por Tobias (1969), a seguir:

- O profissionalismo: muito discutido e combatido por muitos pensadores, que são contrários à idéia da formação de uma profissão, muitas vezes rendosa, como sendo a finalidade primeira da universidade e não a busca pela verdade;
- O tecnicismo: do mesmo modo como o profissionalismo, a universidade não deve formar técnicos, treinados para exercer determinada função; isto poderia ser adquirido com a experiência após a universidade;
- A departamentalização: com ela a universidade isola-se, regredindo, muitas vezes, a categoria de faculdades isoladas, prejudicando a busca pelo conhecimento;
- A docência: muito importante para a divulgação, transmissão dos saberes, da verdade que é realmente a principal finalidade;
- A moralização: a educação moral, por mais que seja boa, deve ser ministrada por outra instituição e não pelo templo do saber;
- O nacionalismo espúrio ou o regionalismo barato: perigoso dentro da universidade, já que ela é cosmopolita e universalista, não deve possuir limites ou inclinações regionalistas;
- Ministar “cultura geral”: a cultura geral verdadeira é aquela que provém em especial da filosofia e não a proveniente de ensinamentos que negam esse fato;
- Pesquisa ou investigação: a investigação é a que confunde mais com a finalidade primordial da universidade, não que ela não seja, só que depois do conhecimento da verdade é que vem a investigação;
- A sociedade: através da busca pela verdade é que a sociedade deveria ser beneficiada pela universidade.

Estas podem não ser as finalidades principais da Universidade, mas isso não quer dizer que não façam parte da sua finalidade como fins intermediários. Desta forma, só o conhecimento da verdade não causa Universidade. A junção de suas derivações é necessária para que esta ocorra. “A causa, portanto, da universidade é a sociedade que, pela investigação e docência, se ordena à verdade”. (TOBIAS, 1969, p. 213).

## 2.4 SUPER ESPECIALIZAÇÃO VERSUS HUMANISMO

As organizações, por outro lado, estão integrando o mundo inteiro em um todo interdependente, globalizado, de forma que não só a matéria-prima, mas também os conhecimentos estão se tornando propriedade comum a todos os homens. As antigas funções das famílias cedem lugar às funções industriais, que agora utilizam membros da família como meio de alcançar suas finalidades de produção.

Referindo-se ao processo de trabalho, Braverman (1974) diz que o trabalhador era o senhor de um acervo de conhecimento tradicional e também dos métodos e dos procedimentos de fabricação. Dessa forma, ocorria uma divisão social do trabalho, onde cada trabalhador era o possuidor do conhecimento acumulado de materiais e práticas pela qual a produção era realizada, como oleiro, ferreiro, carpinteiro, padeiro, sapateiro entre tantos outros. Mas hoje, segundo o autor, isso não mais ocorre, fazendo com que os trabalhadores tenham dificuldades para acompanhar qualquer processo completo de produção.

A especialização do trabalhador significa, de fato, uma desqualificação do mesmo, segundo Reinert (1981), já que o trabalhador passa a exercer, muitas vezes, uma única tarefa de forma exaustiva, monótona e repetitiva, bloqueando qualquer criatividade que possa existir na sua atividade.

Para Teixeira (1930), a superespecialização na indústria faz com que o trabalho passe a ser uma simples tarefa e que o trabalhador sinta-se como uma simples “peça da máquina”, não havendo lugar para pensar, nem mesmo para saber se o que está fazendo vale à pena.

A especialização profissional não é recente e nem produto da era industrial. Segundo a Universidade Federal de Santa Catarina (2005) (reportando-se à indicação nº 07/97-CNE, de 03 de outubro de 1997) desde a Idade Média existe a especialização, quando os artesões se juntavam em forma de associações onde trabalhavam e ensinavam. Com o passar do tempo, as escolas, incluindo as universidades, em vários países, voltaram-se à preparação de jovens para o preenchimento de vagas na administração e no comércio. Portanto, há muito tempo as universidades vem se distanciando cada vez mais do objetivo para o qual foram criadas, contribuindo para um ensino cada vez mais voltado para as necessidades do mercado.

Hoje, a especialização e a superespecialização fazem parte do cenário atual das universidades, que estão cada vez mais buscando atender às necessidades de profissionais para o mercado de trabalho. Essa formação, no entanto, centrada no tecnicismo e no profissionalismo, pode não estar atendendo às necessidades das organizações e nem mesmo dos profissionais sem que eles necessariamente saibam disso.

Mesmo admitindo a formação mais profissionalizante, Linsingen (2005) afirma que as instituições de ensino superior deveriam, por respeito aos objetivos sociais e institucionais, orientar a formação para amplos setores da sociedade, não podendo limitar o campo de atuação desses profissionais, embora implicitamente as especialidades o façam. Há a necessidade de uma formação que privilegie aspectos multifacetados do conhecimento especializado e também aspectos de formação geral. A formação não pode ficar restrita ou presa a uma orientação específica.

A especialidade deve ser tratada como parte de uma totalidade e não pode ser vista como fora dela. Segundo Bazzo (1998), este processo é difícil de ser realizado e deve ser feito por meio de uma formação que privilegie o tratamento interdisciplinar da especialidade e uma formação disciplinar com conteúdos de humanidades.

A superespecialização dos estudantes pode gerar problemas sociais, cegando o profissional para qualquer consideração que ultrapasse o âmbito de suas competências técnicas. Um profissional especialista irá se comportar em todas as questões que ignora, conforme Sartor (2004), não como um ignorante, mas como um sábio petulante no assunto.

Coelho (2006) alerta que “confundir formação profissional com preparação do estudante para o desempenho de determinadas atividades é empobrecê-lo e assumir o caminho que, no curto e, sobretudo, no médio e longo prazos, limita as possibilidades de colocação no mercado de trabalho”.

De acordo com Freire (1996, pg. 33), “transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de mais fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador”. E ao referir-se à capacitação em torno dos saberes instrumentais, Freire argumenta que estes jamais podem prescindir a formação ética.

Um perfil ideal de profissional que as organizações necessitam, segundo Linsingen (2005), não privilegia apenas o conhecimento técnico específico, mas também uma boa capacidade de comunicação oral e escrita, de relacionamento, interatividade e criatividade.

O profissional generalista ganha cada vez mais espaço no mundo do trabalho por saber um pouco de cada área, ter conhecimento geral, ser versátil e por adaptar-se facilmente às mudanças. Ainda segundo Linsingen (2005), o estudante deveria possuir uma formação geral, com caráter conservador e transformador do sentir, pensar e agir humanamente, centrado em uma visão de sociedade que interage, que se globaliza sem perda de identidade e que opera de modo cada vez mais interconectado, ou integrado em rede.

Pode ser percebido que, apesar de uma tendência tecnicista do sistema de ensino-formação, a consideração de aspectos humanísticos torna-se cada vez mais considerável no discurso da formação profissional, embora não necessariamente, na prática. Em resumo, de uma maneira geral, parece ficar cada vez mais evidente a importância do humanismo para a formação de um profissional, mesmo quando este aspecto é considerado por autores com uma forte ênfase no chamado mercado.

## 2.5 O ENSINO DE ADMINISTRAÇÃO

O ensino de administração, no Brasil, está relacionado ao processo de desenvolvimento do país. Segundo Fischer (1985), origina-se através de um acordo da política de cooperação técnica entre Brasil e Estados Unidos (EUA), no período de 1950 a 1960, que servia como instrumento de capacitação de recursos humanos. Essa política de cooperação iniciou-se antes desse período, quando os EUA ampliaram seu apoio aos países subdesenvolvidos, após a segunda guerra mundial.

Ainda segundo Fischer (1985), esse processo foi marcado por dois momentos históricos. O primeiro, pelo governo de Getúlio Vargas, que teve um caráter nacionalista. O segundo, pelo governo Juscelino Kubitschek, com caráter internacionalista. Neste último período, o processo de industrialização se acentuou, sobretudo devido à importação de tecnologia norte-americana.

A regulamentação desta atividade ocorreu na metade da década de 60, pela Lei nº 4.769, de 09 de setembro de 1965. Essa Lei, no seu artigo 3º, afirma que o exercício da profissão de Técnico em Administração é privativo dos Bacharéis em Administração Pública ou de Empresas, diplomados no Brasil, em cursos regulares de ensino superior, oficial, oficializado ou reconhecido, cujo currículo seja fixado pelo Conselho Federal de Educação, nos termos da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, que fixa as Diretrizes e Bases da Educação no país. Isso veio ampliar um vasto campo de trabalho para a formação do administrador.

O Parecer 307, aprovado pelo Conselho Federal de Educação em 8 de julho de 1966, fixou o primeiro currículo mínimo do Curso de Administração, institucionalizando, assim, a profissão e formação de Técnico em Administração. O currículo procurou agrupar matérias de cultura geral, matérias instrumentais e de formação profissional. Este currículo mínimo do Curso de Administração, que habilitava para o exercício da profissão de Técnico de Administração, seria constituído das seguintes matérias: matemática, estatística,

contabilidade, teoria econômica; economia brasileira, psicologia aplicada à administração, sociologia aplicada à administração, instituições de direito público e privado (incluindo noções de ética administrativas), legislação social, legislação tributária; teoria geral da administração, administração financeira e orçamento, administração de pessoal, bem como administração de material.

Neste currículo mínimo, as matérias proporcionam uma formação especialista, tendo em vista que até a sociologia e psicologia, disciplinas humanas, não são vistas em seu “estado puro”, mas sim aplicadas à administração. Para Reinert (2002, p.185), por exemplo, cada disciplina deveria ser ministrada de modo a contemplar primeiramente seus fundamentos mais essenciais. O autor (REINERT, 2002, p. 186) questiona a possibilidade de se aplicar uma teoria numa área da administração se as bases da mesma são completamente desconhecidas do estudante. Esse questionamento se faz em relação a matérias como “sociologia, psicologia ou economia, aplicadas à administração” sem que antes o estudante tenha “contemplado seus fundamentos mais essenciais”.

Porém, as escolas possuem liberdade para desenvolver um outro tipo de formação, através do acréscimo de matérias específicas. Segundo o Parecer nº 307, “a atividade administrativa se caracteriza pela grande diversificação das operações e pelo nível de especialização de cada um de seus ramos”.

A atividade administrativa é tão diversificada, que Reinert (2002) chama a atenção para a grande quantidade de autores, das mais diversas áreas de formação, que vêm escrevendo com grande êxito sobre a administração.

A pobreza epistemológica em que se encontra a administração decorre, para Sartor (2002), da ausência do componente humanista-filosófico na gestão de toda a organização. A ausência filosófica gerou um engessamento intelectual, com grandes perdas humanísticas, não só na administração, mas em quase todas as áreas do conhecimento humano.

### **3 MÉTODO**

A presente investigação tratou de um estudo de caso, uma vez que se restringiu a uma única unidade, a Universidade Federal de Santa Catarina. Teve como principal finalidade investigar a formação humanista do Curso de Graduação em Administração da UFSC.

A pesquisa exploratório-descritiva foi utilizada visando descrever as características do currículo do Curso de Graduação em Administração da UFSC. Deste modo, realizou-se um levantamento, buscando conhecer, o primeiro currículo datado a partir de 1978 (ano de disponibilidade mais antigo que se encontra disponível), nos arquivos da Pró-Reitoria de Ensino e o último, do segundo semestre do ano de 2004, coletado no site eletrônico da UFSC.

Para identificar a origem humanista das disciplinas optativas cursadas pelos estudantes, utilizou-se a pesquisa quantitativa exploratória documental, no Departamento de Assuntos Estudantis - DAE, onde os dados foram coletados.

Este artigo se restringiu apenas ao Curso de Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina. A comparação será realizada entre o primeiro currículo datado de 1978 e o último do ano de 2004.

Convencionou-se, nesta pesquisa, que as disciplinas com formação humanista seriam apenas aquelas oriundas do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, unidade devidamente habilitada para esta formação. Isso não significa que o Curso de Administração não pudesse estar trabalhando conteúdos de formação humanista com seus estudantes, mesmo à revelia da estruturação universitária atual, preconizada na legislação. A identificação desta realidade, no entanto, seria muito difícil.



### 3.1 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram obtidos a partir de pesquisa documental do currículo do Curso de Graduação em Administração da UFSC, na Pró-Reitoria de Ensino e nas páginas da Internet da própria Universidade. Nos currículos, foram identificadas as disciplinas de cada Departamento / Centro de Ensino e sua respectiva carga horária.

Os currículos foram analisados individualmente, identificando-se o percentual que cada matéria representava no total de horas aula do curso. Elas se encontravam (como se encontram até hoje) dispostas no curso em forma de códigos alfa numéricos. A matéria CAD 5106, por exemplo, referia-se à “Teoria Geral da Administração” obrigatória para o curso de Administração do Centro Sócio Econômico. Através do código alfa foi identificada a origem de cada matéria, de qual Departamento ela é proveniente e a que Centro de Ensino ela pertence. Depois de concluída a identificação e seleção das matérias, estas foram agrupadas em um único bloco por similaridade de código alfa. Para compor o objetivo desta pesquisa todo este bloco foi considerado como uma disciplina. Fundamentados na leitura de Paviani e Botomé (1993), os autores deste trabalho convencionaram que cada Departamento de Ensino constituiria uma grande área disciplinar.

De acordo com esse entendimento, a soma de todas as horas/aulas do Departamento de Ensino representa o total que “a disciplina”, tem, também, na visão de Paviani e Botomé (1993), dentro de uma estrutura curricular que o estudante deverá cursar. A divisão do total das horas/aulas do Departamento de Ensino pelo total das horas/aula de todos os demais Departamentos indica o percentual de horas/aulas por curso, de cada Departamento dentro do currículo. Sendo o conjunto de matérias de um Departamento uma única disciplina, obteve-se, assim, o percentual de cada disciplina em relação às demais, dentro de um currículo.

Posteriormente, os Departamentos de Ensino foram agrupados em seus respectivos Centros de Ensino. Este processo objetivou identificar quais os Centros que compunham o currículo do curso e qual o percentual das disciplinas do Centro de Filosofia e Ciências Humanas em relação ao total de disciplinas dos demais Centros de Ensino, pois esta relação indicou a formação humanística do Curso de Graduação em Administração da UFSC.

Para atingir o primeiro objetivo específico desta pesquisa, elaborou-se um comparativo do primeiro currículo disponível de 1974 de cada curso de graduação com o último currículo, correspondente ao segundo semestre do ano de 2004, em termos de presença das disciplinas do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, em relação ao total de disciplinas dos demais Centros de Ensino. Assim, pode-se identificar o aumento ou diminuição de disciplinas indicativas de formação humanista na atual proposta curricular do Curso de Graduação em Administração neste contexto em relação à sua primeira proposta curricular.

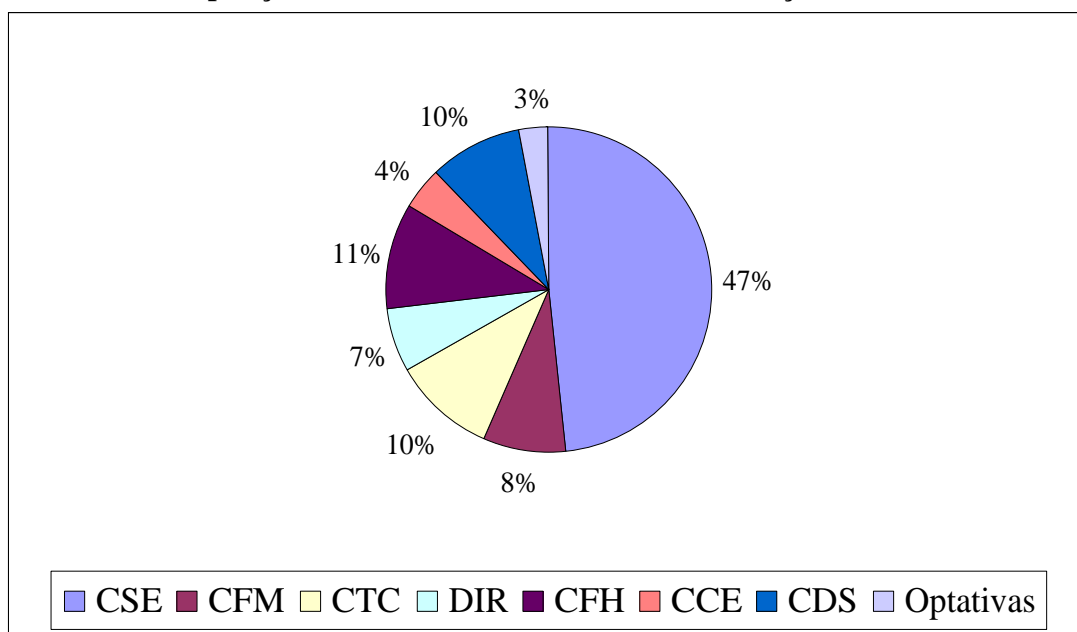
Em um outro momento da pesquisa, procurou-se identificar o comportamento dos estudantes de administração em relação às matérias optativas e extracurriculares, por intermédio dos cinco melhores Índices de Aproveitamento Acumulado (IAA) do curso. A investigação foi realizada nos arquivos do Departamento de Administração Escolar da UFSC (DAE). Através desta pesquisa pode-se ter informações da procura por disciplinas humanas pelos estudantes, além das disciplinas obrigatórias. Não foi utilizado nenhum método estatístico nesta escolha, apenas a busca pelos cinco (05) melhores IAA, na suposição de que os melhores estudantes procurassem um currículo com a maior completude cognitiva, generalista e humanista. A formatação desta etapa da pesquisa foi investigar se as disciplinas optativas e as extracurriculares tinham algum impacto na composição da formação humanística dos estudantes, em comparação com a composição das disciplinas obrigatórias.

#### 4 RESULTADOS

A seguir serão apresentados os resultados da pesquisa realizada nos currículos do Cursos de Graduação em Administração da UFSC.

##### CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DA UFSC

**Gráfico 1 - Disposição dos Centros no Curso de Administração – 1978**



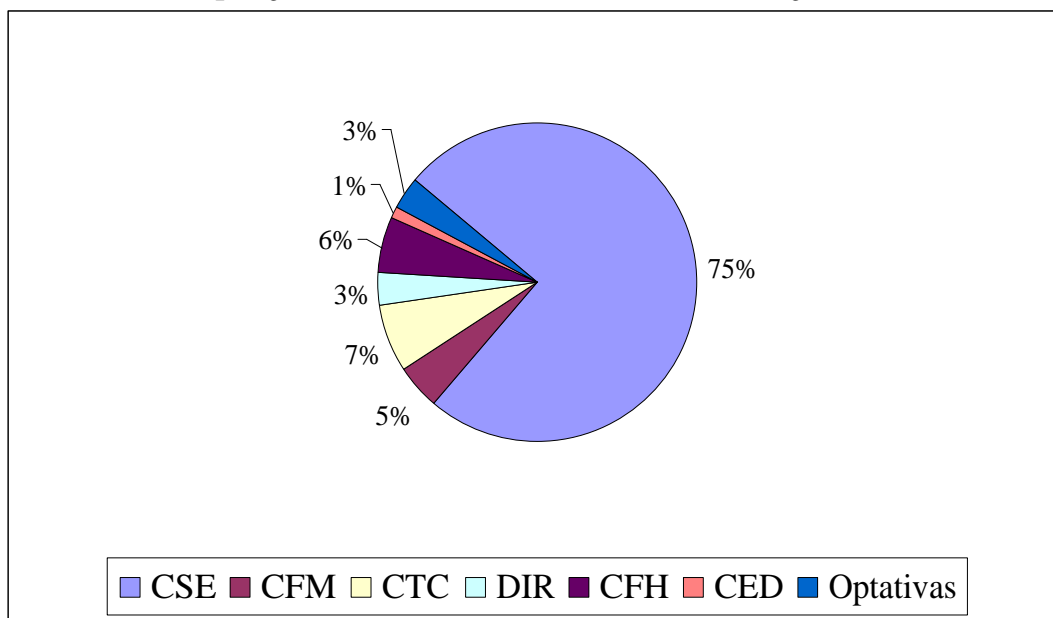
**Fonte:** Buss (2006)

Este gráfico demonstra que o currículo de 1978, o primeiro disponível do Curso de Administração, era bastante generalista, com disciplinas de vários outros Centros de Ensino da UFSC. Nos 47% de disciplinas do próprio Centro estavam incluídas 8,81% referentes a estágios obrigatórios, que eram realizadas no Departamento de Ciências da Administração.

As disciplinas advindas do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) representavam 11% do percentual de disciplinas do Curso de Administração, um bom percentual quando comparado com o total geral. O Centro Tecnológico (CTC) e o Centro de Desportos (CDS) representavam 10% cada um no total de disciplinas do curso, seguido pelo Centro de Ciência Física e Matemática (CFM) com 8%, Centro de Ciências Jurídicas (DIR) com 7%, Centro de Comunicação e Expressão (CCS) com 4% e disciplinas optativas com 3%.

O Currículo do Curso de Administração era dividido em dois ciclos, um básico e outro profissionalizante. O ciclo básico, que ia até a terceira fase, era composto por disciplinas que objetivavam fornecer uma melhor formação, principalmente humana e geral, antes que o estudante ingressasse nas disciplinas profissionalizantes. Entre estas disciplinas encontravam-se: Filosofia, Metodologia Científica, Português, Inglês, Sociologia, Práticas Desportivas, Estatística, entre outras. Dos 8% de disciplinas oriundas do CFH, mais da metade se encontravam neste ciclo básico.

**Gráfico 2 - Disposição dos Centros no Curso de Administração – 2004**



**Fonte:** Buss (2006)

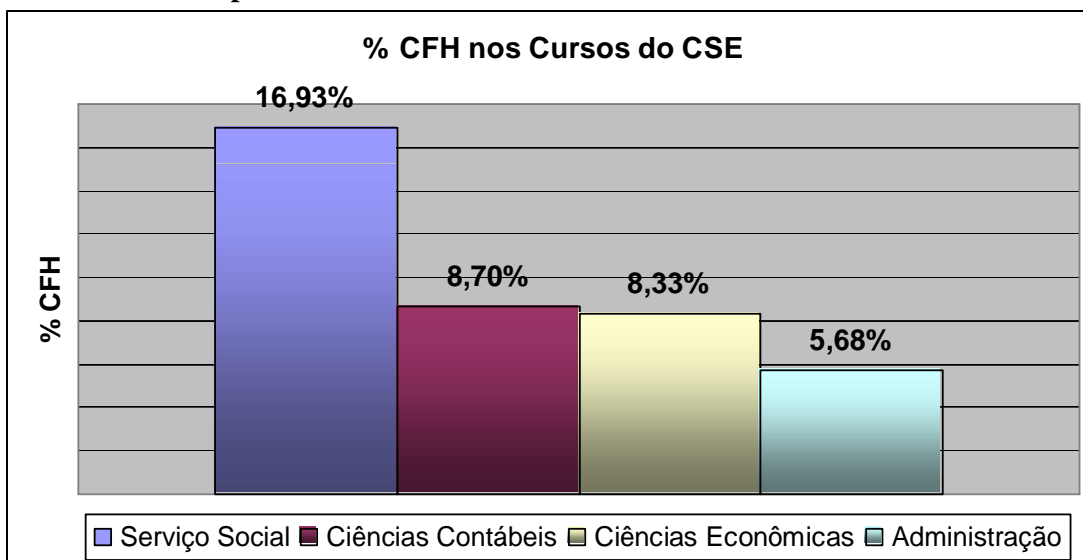
No gráfico 2, que apresenta a situação do currículo em 2004, o curso passa a ser mais especializado, concentrando 75% das disciplinas no próprio Centro, uma diferença de 35% em comparação com o currículo de 1978. Desses 75%, 9,47% são de estágios, realizados no Departamento de Ciências da Administração.

Ocorreu uma redução significativa de disciplinas de todos os demais Centros. As disciplinas humanas sofrem uma redução de 5%, ficando em 6%, mesmo assim relativamente alta quando se compara o Curso de Administração com os demais cursos da UFSC. O Centro Tecnológico representa agora 7% do total de disciplinas do curso, o Centro de Ciência Física e Matemática, reduziu-se para 5%, o Centro de Ciências Jurídicas caiu de 7% para 3%, as optativas representam 3%, e houve a inclusão de disciplinas do Centro de Educação (CED), que participam com 1% do total de disciplinas do curso. O Centro de Desportos e o Centro de Comunicação e Expressão não possuem nenhuma disciplina no currículo do ano 2004 do Curso de Administração.

Foi também analisado o currículo dos cinco (05) melhores estudantes dos Cursos de Administração, diurno e noturno, formados no segundo semestre de 2004, a fim de saber se estavam suprindo a necessidade de formação humanista, cursando disciplinas no CFH através de disciplinas optativas e extracurriculares. Nos dois turnos, constatou-se que nenhum aluno procurou o CFH, mostrando preferência pela formação superespecialista, já que, em sua maioria, cursaram disciplinas da própria área de administração.

O Curso de Administração da UFSC tem como missão, segundo o *site* do próprio departamento, “construir e socializar o saber amplo sobre as organizações e sua gestão, por meio da valorização dos potenciais humanos e da otimização dos recursos ambientais e institucionais, em benefício da sociedade” UFSC (2006). Porém, o currículo do curso, demonstra um foco na superespecialização do estudante, fazendo com que o mesmo tenha um menor conhecimento das demais áreas.

**Gráfico 3 - Disciplinas do CFH nos Cursos do CSE**



**Fonte:** Buss (2006)

No Gráfico 3, Compara-se os Cursos do Centro Sócio Econômico, Centro em que o Curso de Administração faz parte, e pode-se verificar que, quando comparado com os demais cursos, ele possui o mais baixo índice de formação humana. O Serviço Social é o mais humanista do CSE, com 16,93% de disciplinas do CFH, seguido do Curso de Ciências Contábeis com 8,70%, e do Curso de Ciências Econômicas com 8,33%. O curso de Administração, que deveria ser um dos mais humanistas, pela necessidade de uma formação mais ampla, aparece por último com 5,68% de disciplinas vindas do CFH.

## 5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa se propôs pesquisar a formação humanista no Curso de Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina. Os resultados apurados, analisados e interpretados, demonstram o que segue:

- No Curso de graduação em Administração foi encontrado um baixo índice de disciplinas humanas, até mesmo quando comparado com os cursos do próprio centro (CSE). Devido ao seu histórico multidisciplinar, com passagens da teoria administrativa pela psicologia e pela sociologia esperava-se uma formação mais humanista deste curso.
- A formação humanista dos estudantes poderia ser maior se fossem utilizadas disciplinas optativas e extracurriculares para suprir essa necessidade na formação. Porém, constatou-se que essa procura é insignificante quando não inexistente, demonstrando interesse e a busca pela especialização pelo próprio estudante. Essa pequena procura pela formação humana pode estar relacionada à falta de informação dos estudantes sobre o assunto.

Conclui-se, através dos dados pesquisados, e através da elaboração de gráficos, que tiveram o intuito de fundamentar a análise, que o currículo do Curso de Graduação em Administração da UFSC reduziu a participação de disciplinas de formação humanista em relação ao primeiro currículo datado de 1978.

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA  
DO SUL, Blumenau, SC, 15 a 17 de novembro de 2006.

Para os cursos de Administração, a socialização do saber amplo se faz cada vez mais necessário, já que se trata de um curso multidisciplinar por natureza, formado pelas mais diversas áreas de conhecimento, particularmente pelas denominadas ciências humanas e sociais.

A pesquisa ressaltou, de modo claro, o que já foi citado anteriormente por Freire (1996) e outros autores, de que infelizmente o que é válido atualmente é o treinamento técnico-científico, com a formação voltada profissionalmente para as necessidades do mercado, distanciando-se cada vez mais o conhecimento amplo e a formação humanista do estudante universitário.

O conhecimento técnico não é discutível, é importante, mas não sozinho; precisa ter uma base sólida para poder ser estruturado. Empresas, organizações e instituições de ensino necessitam de profissionais que possuam muito mais que o conhecimento técnico; elas necessitam de formadores de opinião, com capacidade de comunicação oral e escrita, que saibam se relacionar e possuam grande capacidade criativa. Só que, para isso, é necessário destacar uma visão geral do saber, que não seja enclausurada em currículos fechados em determinada área específica do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

- ABRÃO, Bernadette Siqueira. **A história da filosofia**. São Paulo, Ed. Nova Cultural, 2004.
- ANASTASIOU, L. das G. C.; ALVES L. P. **Processo de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. 3 ed. Joinville: UNIVILLE, 2004.
- BASBAUM, Leoncio. **Alienação e humanismo**. 4ª ed. São Paulo: Global, 1981.
- BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.
- BAZZO, W. A. **Ciência, tecnologia e sociedade e o contexto da educação tecnológica**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998.
- BUSS, Ricardo Niehues. **A formação humanista no Curso de Graduação em Administração em relação aos demais cursos da Universidade Federal de Santa Catarina**. 2006. 125 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Pós-Graduação em Administração, 2006.
- CHARLE, C. VERGER, J. **História das universidades**. São Paulo: UNESP Ed., 1996.
- COELHO, Ildeu Moreira. **Graduação: rumos e perspectivas**. Disponível em: <[http://www.enecos.org.br/docs/graduacao\\_imoreira.doc](http://www.enecos.org.br/docs/graduacao_imoreira.doc)> Acesso em 05 de janeiro de 2006.
- CRIPPA, Adolpho. **O problema da universidade**. São Paulo: Ed. Convívio, 1966.
- FERREIRA, Aurélio B. H. P. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 1.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- FISCHER, Tânia. **O ensino de administração pública no Brasil: da tutela estrangeira à autonomia necessária**. In: Reunião Nacional da ANPAD, Belo Horizonte. Ed. Da UFSC, Florianópolis – SC, 1985.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1995.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1985.
- LINSINGEN, Irlan von. **Novos modelos de produção e a formação do engenheiro: uma abordagem CTS**. Disponível em:

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL, Blumenau, SC, 15 a 17 de novembro de 2006.

<[http://www.emc.ufsc.br/~nepet/Artigos/Texto/Mod\\_Prod.htm](http://www.emc.ufsc.br/~nepet/Artigos/Texto/Mod_Prod.htm)> Acesso em 22 de outubro de 2005.

MEC – **Ministério da Educação**. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br>> Acesso em 08 de novembro de 2005.

MEC – Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares para os cursos de graduação**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/index2.php?option=content&task=view&id=430&itemid=420> Acesso em 01 de dezembro de 2005.

MORIN, E. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 6.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

PACHECO, J. A. **Currículo**: teoria e práxis. Portugal: Porto Editora, 1996.

PAVIANI, Jayme; DAL RI JUNIOR, Arno. **Globalização e Humanismo Latino**. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

PAVIANI, Jayme; BOTOMÉ, Sílvio Paulo. **Interdisciplinaridade**: difusões conceituais e enganos acadêmicos. Caxias do Sul: EDUCS, 1993.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

REINERT, J. N. **Os aspectos críticos da administração científica e o seu obsolescência**. Florianópolis: Imprensa universitária da UFSC, 1981.

REINERT, J. N. Cursos de graduação em administração: a necessidade de um novo enfoque. **A gestão universitária em ambientes de mudanças na América do Sul**. Blumenau: Nova Letra, 2002.

RIBEIRO, Darcy. **A universidade necessária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

ROSSATO, Ricardo. **Universidade**: nove séculos de história. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.

SACRISTÁN, J. G. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3º ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SARTOR, V. V. D. B. Humanismo e dos compromissos intergeracionais. **Repensando as Organizações**: da Formação à Participação. Florianópolis: Editora Fundação Boiteux, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo e um humanismo**. A imaginação. Questão de método. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SCIACCA, Michele Federico. **História da filosofia**/ Michele Federico Sciacca. São Paulo: Mestre Jou, 1962.

SUWWAN, Leila. Para feminista, pensamento independente não tem espaço. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 mar. 2006. Entrevista. p. A14.

TEIXEIRA, Anísio. **A universidade de ontem e de hoje**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v.42, n.95, jul./set. 1964.

TEIXEIRA, Anísio. **Porque “Escola Nova”**. Boletim da Associação Bahiana de Educação. Salvador, n.1, 1930.

TOBIAS, José Antônio. **Universidade**: humanismo ou técnica? São Paulo: Ed. Herder, 1969.

TODARO, Mauro Enrique Carozzo. **Universidades Argentinas: diferentes missões para uma instituição secular**. 2005. 89 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Pós-Graduação em Administração, 2005.

UFSC. **Legislação Educacional**. Disponível em: <[http://notes.ufsc.br/aplic/edulei.nsf/viewLegislacao\\_PorTipo](http://notes.ufsc.br/aplic/edulei.nsf/viewLegislacao_PorTipo)> acesso em 15 de setembro de 2005.

WOLFF, Tobert Paul. **O ideal da universidade**. São Pulo: ed.UNESP, 1993.